

ENSAIO FOTOGRÁFICO
**Festival de Outono de Takayama:
atualizações dos animismos japoneses na contemporaneidade**

Ryanddre Sampaio de Souza¹
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: O ensaio fotográfico busca analisar o Festival de Outono de Takayama, etnografado pelo autor em outubro de 2019, de forma a compreender suas relações com o complexo cosmológico *Shintō* (xintoísmo) e as atualizações que são propostas para os animistas japoneses na contemporaneidade. Para tal, será apresentada a cidade de Takayama, na Cordilheira de Hida, na província japonesa de Gifu, contextualizando as particularidades geográficas e históricas que a diferenciam de outras cidades dos alpes japoneses. Serão analisados o papel central dos santuários nos festivais sazonais (*matsuri*), e elementos que compõem as festividades, como por exemplo o desfile dos carros alegóricos (*yatai*), a procissão do altar portátil (*mi-koshi*) e a dança do leão (*shishimai*), cuja finalidade é a eliminação de um estado de impureza (*kegare*), compreendendo a pureza como elemento central da relação dialógica estabelecida entre humanos e mais-que-humanos no Japão.

Palavras-chave: xintoísmo; matsuri; animismo; Japão.

Takayama Autumn Festival: actualizations on Japanese animisms in contemporary times

Abstract: The photographic essay seeks to record and analyze the Takayama Autumn Festival, ethnographed by the author in October 2019, in order to understand its relationships with the *Shintō* (Shintoism) cosmological complex and the updates that are proposed for Japanese animists in contemporary times. To this end, the city of Takayama, in the Hida Mountain Range, in the Japanese province of Gifu, will be presented, contextualizing the geographic and historical particularities that differentiate it from other cities in the Japanese Alps. The central role of shrines in seasonal festivals (*matsuri*) and elements that make up the festivities will be analyzed, such as the float parade (*yatai*), the portable altar procession (*mikoshi*) and the lion dance (*shishimai*), whose purpose is the elimination of a state of impurity (*kegare*), understanding purity as a central element of the dialogical relationship established between humans and more-than-humans in Japan.

Keywords: Shintoism; matsuri; animism; Japan.

Festival de Otoño de Takayama: actualizaciones sobre los animismos japoneses en la época contemporánea

Resumen: El ensayo fotográfico busca registrar y analizar el Festival de Otoño de Takayama, etnográfico por el autor en octubre de 2019, con el fin de comprender sus relaciones con el complejo cosmológico *Shintō* (sintoísmo) y las actualizaciones que se proponen para los animistas japoneses en la época contemporánea. Para ello se presentará la ciudad de Takayama, en la Cordillera de Hida, en la provincia japonesa de Gifu, contextualizando las particularidades geográficas e históricas que la diferencian de otras ciudades de los Alpes japoneses. Se analizará el papel central de los santuarios en las fiestas estacionales (*matsuri*) y los elementos que componen las festividades, como el desfile de carrozas (*yatai*), la procesión del altar portátil (*mikoshi*) y la danza del león (*shishimai*), cuya finalidad es la eliminación de un estado de impureza (*kegare*), entendiendo la pureza como un elemento central de la relación dialógica que se establece entre humanos y más que humanos en Japón.

Palabras clave: sintoísmo; matsuri; animismo; Japón.

Escondida em um vale no alto da Cordilheira de Hida, na montanhosa prefeitura de Gifu, a pequena cidade de Takayama é cercada por um cenário montanhoso composto por densas florestas de teixo e por grandes quantidades de neve durante os meses de inverno. Localizada na historicamente isolada região de Hida, suas paisagens sustentam um imaginário das zonas rurais do Japão que têm um valor afetivo, simbólico e cultural muito evidente, atravessado por ideais identitários e estéticos compreendidos sempre em processo de desaparecimento, fundamentais para o pensamento social japonês.

Com aproximadamente quatrocentos anos de tradição, o *Takayama Matsuri* é um complexo de festividades que engloba os festivais de primavera e outono. O Festival de Primavera, também chamado de Festival de Sanno, é dedicado a Sanno-sama, o “rei da montanha”, *kami* protetor da parte sul da antiga cidade do Castelo de Takayama, realizado pelo Santuário Hida-sannogu Hie Jinja. Já o Festival de Hachiman, realizado no outono pelo Santuário Sakurayama Hachimangū, é dedicado à Hachiman, deidade protetora da parte norte da antiga cidade, *kami* associado à guerra e à colheita.

Os *matsuri* são festivais sazonais tradicionalmente realizados pelos santuários e templos para marcar os ciclos naturais e reforçar os vínculos da comunidade com os *kami* locais, seres mais-que-humanos que compõem o complexo cosmológico animista *Shintō* (xintoísmo). O Festival de Takayama pode ser analisado como um ritual performativo essencial para a coesão social que se fundamenta na sustentação de uma relação harmoniosa entre humanos e não-humanos. O festival forma, então, um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica que é necessariamente alicerçado em construções cosmológicas específicas do contexto regional de Hida e, de maneira geral, de um complexo e plural contexto japonês que entrelaça cosmologia, natureza e estética, mantendo a coesão social e a atualização de toda uma ecologia de práticas animistas do interior do Japão.

Nota: Todas as fotografias foram tiradas pelo autor em outubro de 2019 durante o período de trabalho de campo para o doutorado em Antropologia Cultural (PPGSA/UFRJ).

Recebido em 17 de setembro de 2024.
Aceito em 24 de outubro de 2024.



Foto 01 – Cercado por seu bosque guardião (鎮守の森 chinju-no-mori), o Santuário Sakurayama Hachimangū (櫻山八幡宮) é um dos dois santuários mais importantes de Takayama e o santuário promotor do Festival de Outono. Os festivais anuais (例祭 reisai) são realizados pelos santuários Shintō para marcar datas significativas do calendário de um complexo cosmológico cujo tempo remete aos ciclos naturais e evidencia as relações de troca entre humanos e seres mais-que-humanos – os kami – tornando possível a manutenção da ordem natural e do desenvolvimento das comunidades rurais. Os santuários (神社 jinja) são manifestações espontâneas da fé e da relação das comunidades com os kami e exprimem um senso de divindade relacionado à natureza. Inicialmente tais construções não existiam para que as pessoas pudessem prestar suas reverências, uma vez que os kami povoam a própria natureza; com o passar do tempo, começaram a ser erguidos santuários temporários em locais onde acreditava-se que os kami habitavam para a realização de cerimônias.



Foto 02 – Localizada na região central da principal ilha do arquipélago japonês, Honshū, a cidade de Takayama, cujos ideogramas são traduzidos literalmente como montanha alta (高 *takai*, alto; 山 *yama*, montanha), é cercada por florestas de teixo que são o símbolo da cidade e matéria prima de uma técnica de talha específica da região de Hida desenvolvida no período

Edo (1603-1868). A produção de madeira foi justamente o propulsor econômico da cidade durante o Período Sengoku (1467-1615), que se desenvolveu como uma cidade-castelo (城下町 *jōkamachi*) atraindo inúmeros marceneiros, artesãos, produtores de saquê e comerciantes de tecido, favorecendo sua importância como polo artístico na prefeitura de Gifu. Na foto, as casas

de madeira do período Edo da rua *Kamisannomachi*, que abrigam lojas, cafés e fábricas de saquê, muitos em atividade há séculos, recebem um fluxo intenso de turistas, vindos de vários lugares do mundo, durante o festival.



Foto 03 – A madeira de teixo é, também, a matéria-prima dos famosos *yatai* (屋台) de Takayama, “carros alegóricos” característicos dos *matsuri* também conhecidos como *dashi* (山車) em outras partes do Japão, que tomam as ruas da cidade durante as festividades de plantio e colheita – doze *yatai* desfilam durante o Festival de Primavera e onze durante o Festival de Outono. Os *yatai* de Takayama refletem o período em que a cidade foi um importante entreposto comercial durante o Período Edo e cuja proeminente produção de madeira atraiu diversas famílias de artesãos, favorecendo o desenvolvimento das artes decorativas e de técnicas de entalhe. Seu isolamento geográfico parcial favoreceu o desenvolvimento de correntes artísticas e tradições muito particulares da cidade. Muitos dos carros datam do século XVII e são ricamente decorados com entalhes, pinturas e detalhes em laca e metal, apresentando características da opulência do final do Período Momoyama (1573-1615) e do início do Edo (1615-1868). Na foto, um registro da manhã do primeiro dia do Hachiman Matsuri, quando os *yatai* permanecem em exposição na rua *Oshinmachi*, compreendida entre o monumental *torii* de pedra (ao fundo) que fica às margens do Rio Miyagawa e o início do complexo arquitetônico do santuário Sakurayama Hachimangū.



Foto 04 – Os festivais, como marcadores da vida ritual das comunidades agrícolas, são expressões culturais de uma “japanicidade” (Lie, 2004) emergente desde o pós-guerra. Na foto, a interação entre artistas da dança do leão (獅子舞 *shishimai*), quando a máscara da cabeça do leão de madeira (獅子頭 *shishigashira*) morde jocosamente a cabeça de um dos dançarinos. O

leão é uma criatura mítica popularmente associada ao poder de repelir o mal e sua representação chegou ao Japão através da imaginária chinesa da Dinastia Tang (618-907 EC). Na região de Takayama a figura do leão está fortemente relacionada à história mítica de Kinzou e Okami, um casal de jovens que derrota um leão selvagem que apareceu na comunidade e começou a danificar as terras agrícolas, causando muitos problemas aos agricultores. Kinzou e

Okami tornaram-se, assim, *ujigami* (氏神) divindades locais associados à abundância e à família. No festival de outono, a dança do leão abre a procissão de Hachiman que desfila pela cidade no palanquim divino (神輿 *mikoshi*), consagrando o caminho para o *kami* passar.



Foto 05 – Os *matsuri* dividem-se em duas partes distintas: o ritual e a festividade. A parte ritual envolve a purificação (祓い *harai*) dos participantes, a convocação do *kami* para descender ao objeto de adoração no qual reside (神体 *shintai*), a oferenda de alimentos (神饌 *shinsen*) e a entoação de orações (祝詞 *norito*) pelos sacerdotes. Na parte das festividades, a celebração simbólica (直会 *naorai*) é realizada com danças, apresentações artísticas ou competições esportivas. É comum que o *kami* seja levado em uma procissão pelas ruas em um palanquim divino (神輿 *mikoshi*). No festival de outono de Takayama, o palanquim inicia seu trajeto pelas ruas do centro histórico, desde o Santuário Hachimangu ao santuário temporário onde passará a noite antes de retornar ao santuário principal no dia seguinte. Ele é sempre acompanhado por sacerdotes, músicos e carros alegóricos (山車 *dashi* ou 屋台 *yatai*).



Foto 06 – Uma das ideias mais importantes para a ecologia de práticas do Shintō e, por consequência, para os festivais, diz respeito à eliminação de qualquer tipo de impureza ou contaminação espiritual. O termo em japonês utilizado para se referir a este estado de impureza é *kegare* (汚れ), compreendido também como anormalidade, corrupção, infortúnio ou desgraça. Os três tipos de impureza mais perigosos para o Shintō são aquelas relacionadas à morte (死穢 *shie*), ao sangue (血穢 *ketsue*) e ao nascimento (産穢 *san'e*). No registro acima, galhos de *sakaki* (榦) são utilizados pelos sacerdotes para purificar o caminho da divindade. A *sakaki* é uma árvore da espécie sempre-verde (*Cleyera japonica*) nativa de áreas do Japão, Taiwan, China, Mianmar, Nepal e do norte da Índia. Considerada uma árvore sagrada (神木 *shinboku*) pelo Shintō, é utilizada também para traçar os limites entre o mundo dos homens e o mundo dos *kami*. Seus ramos são usados como oferendas aos deuses e servem como importantes ferramentas de purificação. Nota-se que os galhos estão adornados com *shide* (四手), ornamentos brancos em forma de relâmpago ou zigue-zague, muito comuns nas representações e imaginário Shintō para reafirmar a sacralidade dos objetos ou espaços onde são colocados e, também, para demarcar as fronteiras entre o mundo dos humanos e o mundo dos não-humanos.



Foto 07 – Em Takayama, alguns dos yatai possuem sofisticadas marionetes mecânicas tradicionais japonesas chamadas karakuri ningyō (からくり人形), controladas de dentro dos carros por muitos mestres ao mesmo tempo. As marionetes, que surgiram no Japão por volta do século XVII, encenam mitos e diversas histórias relacionadas a personalidades da história do Japão. Na fotografia, o karakuri do yatai Hotetai, encena a interação de Hotei, divindade relacionada à fortuna e proteção das crianças, com um menino e uma menina que fazem inúmeros malabarismos para subir nos ombros do sacerdote. A eficácia das apresentações de karakuri está na relação que se estabelece entre o que se vê – a história encenada – e o que se oculta – o mecanismo das marionetes. Na cosmovisão japonesa, as karakuri não são apenas bonecos; não representam os personagens que encenam, mas os fazem presentes como portadoras de agenciamento próprio e, segundo as tradições do Shintō, possuem também uma “alma”, um espírito. Muito pode ser falado sobre a relação entre robôs e religião no Japão; basta apontar que no Japão o Shintō estabelece- se como uma fonte importante para essa reflexão porque considera vivas todas as coisas, revelando as raízes de um animismo no Japão que alguns autores apontam como tecnoanimismo (JENSEN e BLOK, 2013): uma teoria em expansão na antropologia que implica em levar a sério, no sentido de se considerar a possibilidade de integração entre tecnologia, humanidade e religiosidade.



Foto 08 – No Japão contemporâneo não há uma oposição clara entre natureza e cultura, assim como não há oposição entre tradicional e moderno. Esses dois paradigmas convivem juntos e me arrisco afirmar que não existiriam independentemente um do outro (SOUZA, 2023). No

Japão contemporâneo não há castelos sem pokémon ou kawaii sem samurais; a cultura japonesa nos recorda, constantemente, que a ideia de tradicionalidade não pode estar estagnada no tempo. Na fotografia, durante o desfile, um yatai circula pelo centro histórico de Takayama, desviando da profusa fiação elétrica típica das cidades japonesas. Há uma sobreposição entre a materialidade da eletricidade ao fundo, marca da modernidade japonesa após a reabertura após

a Restauração Meiji de 1868, e as lanternas decorativas de papel em primeiro plano, evidenciando a oposição entre luz (ocidente) e sombra (oriente) apontada por Jun'ichirō Tanizaki (1933/2017). Em alguma medida, nesta imagem, podemos compreender o que a antropóloga Marilyn Ivy (1995) apontou como a manutenção de uma suposta tradição em extinção, uma retórica da perda e recuperação criada através de discursos nostálgicos das margens da prosperidade capitalista associados ao campo, ao folclore e ao tradicional. Essas alegorias de perda cultural, no caso japonês, relacionam-se a perdas culturais uma vez que a construção identitária japonesa estabelece-se nas zonas rurais do interior do Japão, como Takayama.

Referências

- IVY, Marilyn. *Discourses of the vanishing: modernity, phantasm, Japan*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- JENSEN, Casper Bruun; BLOK, Anders. Techno-animism in Japan: *Shintō* Cosmograms, Actor- network Theory, and the Enabling Powers of Nonhuman Agencies. *Theory, Culture & Society*, 30 (2), 2013.
- LIE, John. *Multiethnic Japan*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- ONO, Sokyo. *Shinto: the kami way*. Tōkyō: Tuttle Publishing, 2004.
- SOUZA, Ryanddre Sampaio de. *Reativar a catástrofe, descobrir onde pisar: proposições ontológicas no pensamento estético japonês pós-2011*. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.
- TANIZAKI, Jun'ichirō. *Em louvor da sombra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.